

JNT FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL
ISSN: 2526-4281 - ANO 2026 - MÊS DE SETEMBRO
DOSSIÊ TEMÁTICO: "SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO:
ABORDAGENS CRÍTICAS, INTERCULTURAIS E DECOLONIAIS"
Ed. 77. Vol. 1 - Págs. 3-18
DOI: 10.5281/zenodo.22162130



QUALIS
A2



NARRATIVAS ESTUDANTIS E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO: CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PIRAQUÊ-TO¹

STUDENT NARRATIVES AND LINGUISTIC DIVERSITY IN HIGH SCHOOL: CONTRIBUTIONS OF EDUCATIONAL SOCIOLINGUISTICS TO PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING IN PIRAQUÊ, TOCANTINS

Ana Alaydes Vaz Sousa SANTOS
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: ana.santos3@professor.to.gov.br
ORCID: <http://orcid.org/0009-0000-9563-0248>

Francisco Edviges ALBUQUERQUE
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: fedviges@uol.com.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0004-1887>

RESUMO

As discussões sobre diversidade linguística ocupam espaço importante nos estudos voltados para o ensino de Língua Portuguesa, especialmente diante dos desafios enfrentados pela escola no reconhecimento das diferentes experiências linguísticas dos estudantes. Este artigo reúne reflexões sobre essa temática a partir das contribuições da Sociolinguística Educacional, com destaque para os estudos de Stella Maris Bortoni-Ricardo. A discussão aborda aspectos relacionados à variação linguística, ao preconceito linguístico e à presença de diferentes repertórios de linguagem no ambiente escolar. Também são apresentadas reflexões acerca das narrativas estudantis como possibilidade de aproximação com as experiências vividas pelos alunos em seus processos de escolarização. As discussões desenvolvidas tomam como referência o contexto educacional de Piraquê-TO e destacam a importância de considerar as vozes dos estudantes nas reflexões sobre linguagem, escola e diversidade linguística.

Palavras-chave: Diversidade linguística. Sociolinguística Educacional. Narrativas estudantis. Ensino de Língua Portuguesa. Ensino Médio.

¹ COMO CITAR: (ABNT): SANTOS, A. A. V. S.; ALBUQUERQUE, F. E. Narrativas Estudantis e Diversidade Linguística no Ensino Médio: Contribuições da Sociolinguística Educacional para o Ensino de Língua Portuguesa em Piraquê-TO. **JNT Facit Business and Technology Journal**. Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Setembro de 2026 - Ed. 77. VOL. 01. Págs. 3-18. Disponível: <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. Acesso em: __/__/__.

ABSTRACT

Discussions on linguistic diversity occupy an important place in studies focused on Portuguese Language teaching, especially in light of the challenges faced by schools in recognizing students' different linguistic experiences. This article brings together reflections on this topic based on the contributions of Educational Sociolinguistics, with particular emphasis on the studies of Stella Maris Bortoni-Ricardo. The discussion addresses aspects related to linguistic variation, linguistic prejudice, and the presence of different language repertoires in the school environment. Reflections are also presented on student narratives as a means of approaching the experiences lived by students throughout their schooling process. The discussions developed take as a reference the educational context of Piraquê, Tocantins, and highlight the importance of considering students' voices in reflections on language, school, and linguistic diversity.

Keywords: Linguistic diversity. Educational Sociolinguistics. Student narratives. Portuguese Language teaching. High School.

INTRODUÇÃO

A sala de aula reúne estudantes que carregam histórias, experiências e formas distintas de utilizar a língua portuguesa. Essas diferenças fazem parte da realidade escolar e podem ser percebidas nas palavras escolhidas pelos alunos, nos modos de contar acontecimentos, nas expressões utilizadas em situações cotidianas e nas formas de interação construídas em seus grupos sociais.

A permanência dessa realidade evidencia que o debate sobre diversidade linguística continua relevante para o ensino de Língua Portuguesa. O desafio não está em negar a importância da variedade escrita formal, mas em compreender como seu ensino pode ocorrer sem a desvalorização das experiências linguísticas construídas pelos estudantes em seus contextos familiares e comunitários.

Nos últimos anos, pesquisas desenvolvidas sob a perspectiva da Sociolinguística Educacional passaram a defender uma aproximação maior entre os conhecimentos escolares e as experiências vividas pelos estudantes. Em vez de observar apenas currículos, documentos oficiais ou práticas docentes, diversos estudos passaram a considerar as interpretações produzidas pelos próprios alunos sobre a escola e sobre suas experiências de aprendizagem.

Ao narrar acontecimentos, lembranças e situações relacionadas ao cotidiano, os estudantes organizam experiências, registram memórias e atribuem significado aos fatos que consideram importantes em suas trajetórias. Martins e Lunardelli (2024) argumentam que as práticas discursivas constituem espaços de produção de sentidos, tornando possível compreender como os sujeitos interpretam a realidade e constroem explicações sobre o mundo social. Dessa forma, as narrativas não representam apenas relatos de experiências individuais. Elas oferecem elementos para compreender relações entre linguagem, escolarização, identidade e contexto social.

Partindo dessas considerações, este estudo volta-se para a realidade de estudantes do Ensino Médio do município de Piraquê, localizado no norte do estado do Tocantins. Embora as discussões sobre diversidade linguística tenham avançado significativamente nas últimas décadas, ainda são reduzidas as pesquisas que investigam essas questões em contextos educacionais de municípios de pequeno porte. Diante desse cenário, o presente artigo busca responder ao seguinte questionamento: de que maneira as narrativas produzidas por estudantes do Ensino Médio podem contribuir para a compreensão da diversidade linguística e para reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa em Piraquê-TO?

Com base nessa problemática, o objetivo da pesquisa consiste em analisar as contribuições das narrativas estudantis para a compreensão da diversidade linguística no contexto escolar, tomando como referência os pressupostos da Sociolinguística Educacional. Para tanto, o trabalho fundamenta-se principalmente nas contribuições de Bortoni-Ricardo e em estudos recentes que discutem linguagem, educação e narrativas estudantis, buscando compreender como os próprios estudantes interpretam suas experiências escolares e os usos da língua presentes em seu cotidiano.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sociolinguística Educacional e o Reconhecimento da Diversidade Linguística na Escola

A escola brasileira convive diariamente com uma situação que nem sempre recebe a atenção necessária: alunos que falam de maneiras diferentes ocupam o mesmo espaço educativo, mas nem todas essas formas de falar costumam receber o mesmo reconhecimento. Em muitas situações, a variedade linguística utilizada pelos estudantes é avaliada a partir de critérios de certo e errado, sem que sejam

consideradas as condições sociais e culturais que participam da formação dessas práticas de linguagem (Bortoni-Ricardo, 2004).

Essa questão ocupa lugar central na Sociolinguística Educacional proposta por Stella Maris Bortoni-Ricardo, especialmente porque a autora procura compreender o que acontece quando os usos linguísticos levados pelos alunos para a escola entram em contato com as expectativas de uma instituição fortemente orientada pela norma-padrão. (Bortoni-Ricardo, 2004).

A reflexão desenvolvida por Bortoni-Ricardo não surgiu da defesa de um abandono da norma culta nem da ideia de que todas as variedades possuem exatamente a mesma função social. Sua preocupação esteve voltada para outro aspecto: compreender por que determinados estudantes encontram mais dificuldades no processo de escolarização quando a linguagem utilizada em seus ambientes familiares é constantemente apresentada como inadequada. A autora observa que muitos alunos chegam à escola dominando plenamente as formas de comunicação exigidas em suas comunidades (Bortoni-Ricardo, 2004).

Essa discussão torna-se particularmente importante em um país marcado por profundas diferenças regionais. O português falado no interior do Tocantins, por exemplo, apresenta características que não são necessariamente as mesmas encontradas nos grandes centros urbanos do Sudeste ou do Sul do Brasil. Há diferenças de vocabulário, de pronúncia, de construções sintáticas e até de escolhas discursivas que refletem experiências históricas distintas. Tais diferenças não indicam empobrecimento da língua. Elas revelam percursos sociais específicos, construídos ao longo do tempo por grupos que desenvolveram maneiras próprias de utilizar o idioma em suas relações cotidianas (Mollica; Braga, 2019).

Quando essas formas de expressão entram na sala de aula, surge um desafio pedagógico importante. O professor precisa ensinar a variedade escrita formal exigida em diferentes espaços sociais, mas também precisa evitar que esse ensino seja realizado por meio da desqualificação das práticas linguísticas que os estudantes já dominam. É justamente nesse ponto que a Sociolinguística Educacional se diferencia de abordagens tradicionais do ensino de Língua Portuguesa, uma vez que propõe a valorização dos conhecimentos linguísticos previamente construídos pelos alunos como ponto de partida para novas aprendizagens (Bortoni-Ricardo, 2004).

Essa distância não se manifesta apenas nos momentos formais de avaliação. Ela aparece também nas situações cotidianas de interação, quando determinadas formas de expressão recebem menor prestígio ou quando os estudantes passam a evitar sua participação por receio de julgamentos relacionados à maneira como falam.

A questão não envolve apenas aspectos gramaticais. O que está em jogo são relações de reconhecimento social. A forma pela qual um indivíduo utiliza a língua frequentemente funciona como marcador de origem social, pertencimento regional e trajetória cultural. Por essa razão, avaliações negativas dirigidas à fala acabam atingindo dimensões que ultrapassam o campo linguístico propriamente dito (Bagno, 2015).

Ao defender uma aproximação entre escola e realidade sociolinguística dos estudantes, Bortoni-Ricardo (2004) propõe uma mudança que não se restringe aos conteúdos ensinados. Trata-se também de rever a forma como os sujeitos são percebidos dentro do processo educativo. Quando a experiência linguística do aluno passa a ser considerada parte legítima do trabalho pedagógico, cria-se a possibilidade de estabelecer relações mais significativas entre os conhecimentos escolares e os conhecimentos construídos fora da escola.

As contribuições da Sociolinguística Educacional também permitem questionar uma ideia amplamente difundida no senso comum escolar: a de que a aprendizagem da norma-padrão exige o afastamento das variedades linguísticas utilizadas pelos estudantes em seu cotidiano. Essa compreensão foi historicamente incorporada por diferentes práticas pedagógicas e, em muitos casos, continua presente em atividades que associam o sucesso escolar à eliminação de determinadas marcas linguísticas. Bortoni-Ricardo (2014) argumenta que essa perspectiva reduz a complexidade do fenômeno linguístico e ignora que os falantes são capazes de transitar entre diferentes formas de uso da língua conforme as exigências das situações comunicativas que enfrentam ao longo da vida (Bortoni-Ricardo, 2014).

A análise dessas produções torna-se especialmente significativa em pesquisas realizadas em contextos locais específicos. Municípios do interior brasileiro apresentam dinâmicas sociais, culturais e linguísticas que nem sempre aparecem nos estudos produzidos em grandes centros urbanos. Observar as narrativas de estudantes de uma realidade como a de Piraquê, no norte do Tocantins, possibilita identificar experiências linguísticas vinculadas ao território, às relações comunitárias e aos percursos formativos desses jovens. A Sociolinguística Educacional oferece instrumentos teóricos para que essas manifestações sejam compreendidas não como evidências de afastamento em relação à norma escolar, mas como expressões legítimas da diversidade que caracteriza a língua portuguesa em uso (Bortoni-Ricardo, 2004).

Sob essa ótica, o reconhecimento da diversidade linguística deixa de ser apenas uma discussão teórica e passa a constituir uma questão diretamente

relacionada à democratização do ensino. Quando a escola considera os estudantes como sujeitos portadores de conhecimentos linguísticos válidos, amplia-se a possibilidade de construir práticas pedagógicas mais inclusivas e socialmente significativas.

Diversidade Linguística, Preconceito Linguístico e Ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio

Mesmo após décadas de pesquisas demonstrando que a variação linguística é um fenômeno natural das línguas, a escola brasileira ainda convive com situações em que determinadas formas de falar são tratadas como sinais de incapacidade intelectual ou de baixa escolaridade. Essa realidade não costuma aparecer apenas nos discursos formais. Ela pode ser observada em comentários cotidianos, em correções excessivamente rígidas e até mesmo nas expectativas criadas em torno dos estudantes. Bortoni-Ricardo (2008) afirma que muitos conflitos vivenciados na aprendizagem da língua portuguesa estão relacionados ao desencontro entre as práticas linguísticas levadas pelos alunos para a escola e aquelas legitimadas pela instituição escolar.

Quando essas percepções chegam ao Ensino Médio, costumam assumir novas dimensões. A proximidade de vestibulares, processos seletivos e avaliações externas faz com que a escrita formal ganhe ainda mais destaque nas práticas escolares. Não há dúvida de que o domínio da norma-padrão possui importância social e acadêmica. A questão apontada por Faraco (2008) está em outra direção: ensinar a variedade de prestígio não exige que as demais variedades sejam tratadas como inadequadas. A aprendizagem torna-se mais significativa quando o estudante compreende por que determinados usos são esperados em certos contextos, em vez de apenas memorizar regras desvinculadas de suas experiências de linguagem.

Essa discussão ganha força nas reflexões produzidas por Santana e Carvalho (2024), que observaram a permanência de manifestações de preconceito linguístico em ambientes escolares mesmo após o avanço das discussões sobre diversidade e inclusão.

A presença da variação linguística nos documentos curriculares brasileiros não é uma discussão recente. Os Parâmetros Curriculares Nacionais já indicavam a necessidade de reconhecer a pluralidade de usos da língua portuguesa, posição que foi retomada posteriormente pela Base Nacional Comum Curricular. Apesar disso, a passagem das orientações teóricas para a prática pedagógica continua sendo um desafio (Torres, 2024).

Torres (2024), ao analisar as habilidades relacionadas à linguagem presentes na BNCC sob a perspectiva da Sociolinguística Educacional, observa que o documento apresenta elementos favoráveis à valorização da diversidade linguística. O problema surge quando essas orientações chegam ao cotidiano escolar e acabam sendo reduzidas a conteúdos pontuais, sem provocar mudanças efetivas na forma como a linguagem é trabalhada nas aulas de Língua Portuguesa.

A consequência dessa fragmentação é que os estudantes frequentemente aprendem que a variação linguística existe, mas não compreendem sua relevância para a vida social. O conteúdo acaba sendo tratado como uma curiosidade sobre a língua, e não como um elemento capaz de explicar relações de poder, processos históricos e formas de exclusão presentes na sociedade. Santos e Ramos (2025), ao examinarem documentos curriculares à luz da Sociolinguística Educacional, destacam que o reconhecimento da diversidade linguística precisa ultrapassar o plano discursivo.

Para os autores, o trabalho pedagógico deve possibilitar que os estudantes analisem criticamente os valores atribuídos às diferentes variedades linguísticas e compreendam os mecanismos que levam determinadas formas de falar a serem mais prestigiadas do que outras.

Ao observar os debates sobre diversidade linguística desenvolvidos nas últimas décadas, percebe-se que o desafio da escola não está apenas em reconhecer que diferentes formas de falar coexistem na sociedade brasileira. A questão envolve compreender como essas diferenças são percebidas pelos próprios estudantes. Muitos jovens chegam ao Ensino Médio trazendo opiniões já consolidadas sobre o que consideram uma fala “bonita”, “correta” ou “adequada”. Essas ideias não surgem por acaso. Elas são construídas em diferentes espaços de socialização, incluindo a família, a comunidade, os meios de comunicação e a própria escola (Silva, 2023, p. 48).

Conforme destacam Lima; Costa (2023), as atitudes linguísticas manifestadas pelos estudantes costumam refletir valores sociais mais amplos, o que explica a permanência de determinadas formas de preconceito mesmo em ambientes que defendem o respeito à diversidade.

No Ensino Médio, essas questões aparecem associadas a experiências concretas vividas pelos alunos. Comentários sobre sotaques, formas de tratamento, expressões regionais e modos de narrar acontecimentos fazem parte das interações escolares e ajudam a revelar como os jovens percebem a diversidade linguística presente ao seu redor. Tais manifestações não constituem apenas exemplos de variação linguística. Elas representam experiências sociais que carregam memórias,

referências culturais e formas de pertencimento construídas ao longo da vida (Assis, 2021). Bagno (2007) chama atenção para a importância de considerar essas experiências quando se busca compreender a relação entre linguagem e escolarização.

Nesse sentido, ouvir os estudantes torna-se uma etapa importante para compreender como a diversidade linguística é vivenciada no espaço escolar. As narrativas produzidas pelos jovens permitem acessar percepções que dificilmente aparecem em documentos curriculares ou em análises centradas exclusivamente nas práticas docentes. Por meio delas, é possível observar como os alunos interpretam suas experiências linguísticas, como avaliam as diferenças presentes em seu cotidiano e quais sentidos atribuem às formas de linguagem que utilizam.

Narrativas Estudantis como Expressão de Identidades, Experiências e Práticas Linguísticas

Nem sempre aquilo que os estudantes vivem aparece nos documentos produzidos pela escola. Parte significativa das experiências construídas ao longo da trajetória escolar circula por meio de conversas, relatos, lembranças e histórias compartilhadas entre colegas, familiares e membros da comunidade. Quando essas experiências são transformadas em narrativas, tornam-se registros importantes sobre a maneira como os jovens compreendem o lugar onde vivem, as relações que estabelecem e os acontecimentos que consideram marcantes em suas vidas. Por esse motivo, analisar narrativas estudantis significa aproximar-se da realidade a partir do olhar dos próprios sujeitos que a vivenciam, e não apenas das interpretações produzidas por instituições ou pesquisadores (Martins; Lunardelli, 2024).

As narrativas também permitem observar como determinados acontecimentos permanecem na memória dos estudantes e passam a fazer parte da maneira pela qual explicam suas próprias trajetórias. Certas experiências são constantemente retomadas, enquanto outras recebem menor destaque ou simplesmente deixam de ser mencionadas. Esse movimento revela que narrar não corresponde apenas a recordar fatos ocorridos anteriormente (Martins; Lunardelli, 2024).

Sob essa perspectiva, as narrativas estudantis oferecem uma possibilidade de compreender a diversidade presente na escola a partir das experiências concretas dos próprios jovens. Em vez de analisar apenas categorias abstratas ou classificações gerais, o pesquisador passa a ter contato com percepções, lembranças e interpretações construídas pelos sujeitos em seus contextos de convivência. Essa

aproximação permite identificar diferentes formas de pertencimento, modos de participação social e referências culturais que atravessam a vida dos estudantes (Freitas, 2022).

As diferenças existentes entre os estudantes nem sempre se tornam visíveis nos registros formais produzidos pela escola. Notas, avaliações e relatórios costumam apresentar informações relacionadas ao desempenho acadêmico, mas dizem pouco sobre as experiências que os jovens acumulam em seus contextos de convivência. Quando os estudantes relatam situações que marcaram suas trajetórias, surgem elementos que permitem compreender aspectos muitas vezes ausentes nos documentos institucionais (Soares, 2017).

Ao analisar os relatos produzidos pelos estudantes, percebe-se que determinadas referências aparecem de forma recorrente. Família, comunidade, amizades, expectativas em relação ao futuro e experiências acumuladas ao longo da vida frequentemente ocupam posição de destaque na organização das histórias narradas. Esses elementos não surgem por acaso. Eles refletem aspectos considerados significativos pelos próprios sujeitos e ajudam a compreender os vínculos que estabelecem com os espaços dos quais participam (Sene, 2026). Conforme argumenta Bortoni-Ricardo (2004), os usos da linguagem estão relacionados às experiências sociais dos falantes, o que permite compreender as narrativas como produções atravessadas pelas relações construídas ao longo de suas trajetórias.

A valorização das narrativas estudantis representa uma mudança importante nas pesquisas desenvolvidas no campo da educação. Durante muito tempo, as análises sobre a escola concentraram-se principalmente nos currículos, nos métodos de ensino e nos resultados da aprendizagem. Nos últimos anos, diferentes estudos passaram a defender a necessidade de compreender também as interpretações construídas pelos próprios estudantes acerca de suas experiências escolares. Essa mudança desloca o olhar da pesquisa para os sujeitos que vivenciam cotidianamente os processos educativos, reconhecendo que os alunos não apenas recebem conhecimentos, mas produzem sentidos sobre a realidade em que estão inseridos (Silva; Souza; Oliveira, 2023).

A construção das identidades está diretamente relacionada a esse movimento. As identidades não são compreendidas como características permanentes, mas como processos continuamente produzidos nas relações sociais. Os sujeitos constroem percepções sobre si mesmos a partir das experiências vividas, dos grupos dos quais participam e das relações estabelecidas ao longo de suas trajetórias. Torres (2024)

destaca que as práticas discursivas ocupam papel relevante nesse processo, pois constituem espaços nos quais os indivíduos expressam pertencimentos, posicionamentos e formas de compreender o mundo social.

Sob essa perspectiva, as narrativas estudantis tornam-se relevantes para as pesquisas interessadas nas relações entre linguagem e educação. Ao reunir experiências, memórias e interpretações construídas pelos estudantes, essas produções permitem compreender aspectos que dificilmente aparecem em documentos institucionais ou avaliações formais. A aproximação entre narrativa, identidade e linguagem contribui para ampliar a compreensão sobre os processos de escolarização e oferece fundamentos importantes para analisar as práticas linguísticas desenvolvidas pelos estudantes em diferentes contextos sociais (Bortoni-Ricardo, 2004; Assis, 2021).

Nesse sentido, o interesse pelas narrativas estudantis não está restrito aos acontecimentos descritos pelos jovens. O que se busca compreender é a forma como esses acontecimentos são interpretados, organizados e transformados em discurso. As escolhas realizadas durante a construção dos relatos revelam percepções sobre a realidade, modos de atribuir significado às experiências e formas particulares de compreender o mundo social. Por essa razão, as narrativas constituem uma importante possibilidade de aproximação com as experiências dos estudantes e com os sentidos produzidos por eles em relação aos contextos nos quais estão inseridos.

CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL PARA A VALORIZAÇÃO DAS NARRATIVAS ESTUDANTIS NO CONTEXTO DE PIRAQUÊ-TO

A produção de pesquisas sobre ensino de Língua Portuguesa tem avançado significativamente nas últimas décadas, especialmente no que se refere às discussões sobre diversidade linguística, variação e práticas pedagógicas fundamentadas na Sociolinguística Educacional. Apesar desse crescimento, parte considerável dos estudos continua concentrada em grandes centros urbanos ou em redes educacionais de maior visibilidade acadêmica. Em consequência, muitas realidades escolares situadas em municípios de pequeno porte permanecem pouco exploradas pela literatura científica. Essa constatação evidencia a importância de ampliar as investigações voltadas para contextos específicos, permitindo que diferentes experiências educacionais passem a integrar os debates desenvolvidos na área (Bortoni-Ricardo; Baronas; Vieira, 2021).

A escolha do município de Piraquê-TO como campo desta pesquisa está relacionada justamente a essa necessidade de aproximação com realidades

educacionais que raramente ocupam posição central nos estudos sobre linguagem e ensino. Situado na região norte do Tocantins, o município apresenta características sociais e culturais próprias, construídas a partir de experiências históricas e comunitárias que influenciam diretamente o cotidiano escolar. Nesse cenário, a escola constitui um espaço de encontro entre diferentes vivências, saberes e formas de linguagem trazidas pelos estudantes, tornando-se um ambiente relevante para investigações que procuram compreender as relações entre diversidade linguística e escolarização.

Nesse contexto, as narrativas estudantis apresentam potencial significativo para a investigação proposta neste trabalho. Ao narrar acontecimentos, lembranças e experiências relacionadas ao cotidiano, os estudantes produzem discursos que possibilitam o acesso a percepções construídas sobre a escola, a comunidade e as relações sociais das quais participam. Martins e Lunardelli (2024) destacam que as práticas de linguagem constituem espaços de produção de sentidos, permitindo compreender como os sujeitos interpretam os acontecimentos que vivenciam e atribuem significado às suas experiências. Tal perspectiva contribui para compreender as narrativas como fontes importantes para a análise das relações entre linguagem e experiência social.

A relevância dessa abordagem também pode ser observada nas discussões desenvolvidas por Assis (2021), ao defender que os estudantes devem ser reconhecidos como sujeitos portadores de experiências linguísticas legítimas e socialmente significativas. Quando a pesquisa considera as interpretações produzidas pelos próprios alunos, amplia-se a possibilidade de compreender aspectos da escolarização que nem sempre aparecem em documentos institucionais ou avaliações formais. Em razão disso, a investigação das narrativas estudantis em Piraquê-TO não busca apenas identificar formas de uso da língua, mas compreender como os estudantes interpretam suas experiências escolares e constroem sentidos sobre os contextos sociais dos quais fazem parte. A partir dessas considerações, o capítulo seguinte apresenta os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa.

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, voltada à análise das contribuições da Sociolinguística Educacional para a compreensão da diversidade linguística e das narrativas estudantis no ensino de Língua Portuguesa. A escolha desse percurso metodológico

decorre da natureza da problemática investigada, que exige diálogo com produções teóricas capazes de explicar as relações entre linguagem, escola, identidade e práticas sociais.

O levantamento bibliográfico ocorreu entre os meses de abril e maio de 2026, abrangendo artigos científicos, livros, dissertações e teses disponíveis em bases de dados e repositórios acadêmicos. Foram consultados Google Acadêmico, SciELO, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e periódicos da área de Linguística e Educação. Para a localização dos materiais, utilizaram-se os descritores Sociolinguística Educacional, diversidade linguística, preconceito linguístico, variação linguística, narrativas estudantis, ensino de Língua Portuguesa e Ensino Médio.

A seleção das obras considerou a proximidade com os objetivos da pesquisa e a relevância dos estudos para a discussão proposta. Houve prioridade para publicações recentes, produzidas entre 2020 e 2026, sem excluir obras que ocupam posição de referência na constituição da Sociolinguística Educacional no Brasil. Entre os autores mais recorrentes encontram-se Stella Maris Bortoni-Ricardo, Marcos Bagno, Carlos Alberto Faraco e Magda Soares, cujas contribuições oferecem subsídios para compreender os processos de variação linguística e suas implicações no contexto escolar.

Concluída a etapa de levantamento, os textos selecionados passaram por leitura exploratória e leitura analítica. Durante esse processo foram identificadas categorias relacionadas ao reconhecimento da diversidade linguística, às manifestações de preconceito linguístico e às possibilidades pedagógicas de valorização dos repertórios linguísticos dos estudantes. As reflexões construídas ao longo do trabalho resultam da articulação entre essas produções e das aproximações estabelecidas entre os diferentes referenciais teóricos examinados.

Embora o estudo dialogue com a realidade educacional do município de Piraquê, no estado do Tocantins, não houve realização de pesquisa de campo nem produção de dados empíricos. O município foi adotado como referência para a discussão desenvolvida, considerando a necessidade de ampliar os estudos voltados para contextos educacionais situados fora dos grandes centros urbanos. As análises apresentadas fundamentam-se exclusivamente no material bibliográfico selecionado, buscando compreender de que maneira a Sociolinguística Educacional pode contribuir para reflexões sobre linguagem, diversidade e ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu compreender que a diversidade linguística constitui elemento próprio das relações sociais e, conseqüentemente, integra o cotidiano escolar. No ensino de Língua Portuguesa, reconhecer essa diversidade significa considerar que os estudantes chegam à escola trazendo repertórios linguísticos construídos em suas famílias, comunidades e demais espaços de convivência. A Sociolinguística Educacional oferece fundamentos para que essas formas de expressão sejam compreendidas sem que o ensino da norma-padrão seja abandonado, favorecendo uma abordagem que articule os conhecimentos linguísticos já dominados pelos alunos às exigências comunicativas presentes em diferentes situações sociais.

As reflexões realizadas também evidenciaram que o preconceito linguístico permanece como um desafio para o trabalho pedagógico, principalmente quando determinadas variedades da língua são associadas a ideias de erro, deficiência ou menor capacidade de seus falantes. No Ensino Médio, essa questão assume relevância particular diante das exigências relacionadas à escrita formal, aos processos seletivos e às avaliações educacionais. O trabalho com a língua pode contribuir para que os estudantes compreendam a adequação linguística de acordo com cada situação comunicativa, sem transformar diferenças regionais, sociais e culturais em critérios de desvalorização dos sujeitos.

No que se refere às narrativas estudantis, verificou-se que sua valorização pode ampliar a compreensão das experiências linguísticas e escolares dos jovens. Os relatos produzidos pelos estudantes possibilitam acessar memórias, pertencimentos, experiências comunitárias e interpretações construídas ao longo de suas trajetórias, aproximando o ensino de Língua Portuguesa das situações efetivamente vivenciadas pelos alunos. Sob essa perspectiva, as narrativas deixam de representar somente produções textuais e passam a constituir possibilidades de expressão das identidades, dos repertórios linguísticos e das relações estabelecidas pelos estudantes com a escola e com os espaços sociais dos quais participam.

A referência ao município de Piraquê-TO reforça a importância de ampliar as discussões sociolinguísticas para contextos educacionais localizados fora dos grandes centros urbanos. Contudo, considerando o caráter bibliográfico da pesquisa e a ausência de produção de dados empíricos, não é possível estabelecer conclusões específicas sobre as práticas linguísticas dos estudantes do município. O estudo fornece uma base teórica para compreender como as narrativas estudantis podem

contribuir para futuras investigações sobre diversidade linguística no Ensino Médio e demonstra a pertinência de desenvolver pesquisas que se aproximem diretamente das experiências dos jovens dessa realidade educacional.

Conclui-se que a Sociolinguística Educacional pode contribuir para um ensino de Língua Portuguesa comprometido tanto com a aprendizagem da variedade formal quanto com o reconhecimento da pluralidade linguística presente na sociedade. A inserção das experiências e das vozes dos estudantes nas práticas pedagógicas pode favorecer relações mais significativas com a linguagem, reduzir processos de estigmatização e ampliar a compreensão da língua como fenômeno social, histórico e cultural. Futuras pesquisas de campo em Piraquê-TO poderão aprofundar essas reflexões mediante a análise das narrativas dos próprios estudantes, possibilitando identificar como a diversidade linguística se manifesta e é percebida no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Álida Laryssa Espozetti de. **O ensino de língua portuguesa sob a perspectiva da sociolinguística educacional**: um olhar para as escolas públicas de Londrina-PR. 2021. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/items/ad01ab17-99d0-4617-9805-d4d2f43e5a34>. Acesso em: 29 maio 2026.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. Disponível em: <https://www.parabolaeditorial.com.br/nada-na-lingua-e-por-acaso>. Acesso em: 29 maio 2026.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. Disponível em: <https://www.parabolaeditorial.com.br/preconceito-linguistico>. Acesso em: 29 maio 2026.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. Disponível em: <https://www.parabolaeditorial.com.br/educacao-em-lingua-materna>. Acesso em: 29 maio 2026.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br/manual-de-sociolinguistica>. Acesso em: 29 maio 2026.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Disponível em: <https://www.parabolaeditorial.com.br/o-professor-pesquisador>. Acesso em: 29 maio 2026.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; BARONAS, Joyce Elaine de Almeida; VIEIRA, Silvia Rodrigues. GT de Sociolinguística e ensino: o cenário de 35 anos de conquistas e desafios. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 52, n. esp., p. 138-156, 2021. DOI: 10.18309/ranpoll.v52iesp.1589. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1589>. Acesso em: 29 maio 2026.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Disponível em: <https://www.parabolaeditorial.com.br/norma-culta-brasileira>. Acesso em: 29 maio 2026.

FREITAS, Anna Flávia Lenz. **A variação linguística nas aulas de língua portuguesa**: um estudo à luz da sociolinguística educacional. 2022. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2022. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6434>. Acesso em: 29 maio 2026.

LIMA, Fábio Ronne de Santana; COSTA, Daniela de Souza Silva. Dialetologia e Sociolinguística Educacional em interface: uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa a partir de dados do Atlas Linguístico do Brasil. **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 709-730, 2023. DOI: 10.35520/diadorim.2022.v24n2a50713. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/50713>. Acesso em: 29 maio 2026.

MARTINS, Maridelma; LUNARDELLI, Mariangela. Análise linguística, ensino e formação em contextos multilíngues: reflexões à luz da Sociolinguística e dos Estudos Dialógicos da Linguagem. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 83, p. 260-275, 2024. DOI: 10.28998/2317-9945.202483.260-275. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/18053>. Acesso em: 29 maio 2026.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br/introducao-a-sociolinguistica>. Acesso em: 29 maio 2026.

SANTANA, Dayane Nunes Lima; CARVALHO, Débora Priscila Brito de. Preconceito linguístico em sala de aula: reflexões sobre a percepção dos alunos e impactos da abordagem pedagógica. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 18, n. 2, p. 382-400, 2024. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/21609>. Acesso em: 29 maio 2026.

SANTOS, Wendel Silva dos; RAMOS, Ermelindo. O tratamento da variação linguística na Base Comum Curricular Nacional e no Documento Curricular Territorial Maranhense à luz da Sociolinguística Educacional. **Caletroscópio**, Mariana, v. 13, n. 2, 2025. DOI: 10.58967/caletroscopio.v13.n2.2025.8080. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/caletroscopio/article/view/8080>. Acesso em: 29 maio 2026.

SENE, Marcus Garcia de. Nossas crenças linguísticas, “nós não mudemos tanto”, e agora?: um estudo sociolinguístico com estudantes de São Bento do Una-PE. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 87, 2026. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/20487>. Acesso em: 29 maio 2026.

SILVA, Antonio José Pereira da. **Estudo da variação linguística em sala de aula**: uma avaliação das atitudes linguísticas dos alunos com relação aos traços graduais da língua portuguesa. 2023. 109 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/12283>. Acesso em: 29 maio 2026.

SILVA, José Ribamar Lopes da; SOUSA, Francisca Maria Pereira de; OLIVEIRA, Maria Elizabete Nogueira de. O ensino de língua portuguesa e a sociolinguística: uma reflexão sobre as possibilidades e desafios na construção dos saberes linguísticos contemporâneos. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Málaga, v. 16, n. 8, p. 11234-11249, 2023. DOI: 10.35520/diadorim.2022.v24n2a50713. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/3222>. Acesso em: 29 maio 2026.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2017. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br/linguagem-e-escola>. Acesso em: 29 maio 2026.

TORRES, Fernanda Soares da Silva. Sociolinguística Educacional e Estudos de Letramento: uma investigação glotopolítica das habilidades sociolinguísticas da BNCC. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 83, p. 446-459, 2024. DOI: 10.28998/2317-9945.202483.446-459. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/17933>. Acesso em: 29 maio 2026.